



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – PARFOR  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANTONIA SILVAMAR DA SILVA DUARTE**

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL NA VISÃO DOS PROFESSORES DO  
MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA, PARÁ.**

MARABÁ-PA

2014

**ANTONIA SILVAMAR DA SILVA DUARTE**

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL NA VISÃO DOS PROFESSORES DO  
MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA, PARÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da Prof. Ms. Edina do Socorro Gomes Rodrigues.

MARABÁ-PA

2014

**ANTONIA SILVAMAR DA SILVA DUARTE**

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL NA VISÃO DOS PROFESSORES DO  
MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA, PARÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da Prof. Ms. Edina do Socorro Gomes Rodrigues.

Data de Defesa: 24/07/2014

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Edina do Socorro Gomes Rodrigues – UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> Léiva Rodrigues de Sousa – UFPA/PARFOR

MARABÁ-PA

2014

A minha mãe e minhas filhas pela  
compreensão e apoio demonstrado;  
Aos meus professores, por acreditarem em  
meu sonho;  
A todos que contribuíram direto ou  
indiretamente para a realização e  
conclusão deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Ao meu pai Milton, (in memoriam) a minha mãe, por todos os momentos dedicados a mim, pelas palavras, pelos conselhos, pelo amor, pela honestidade, pelo afeto, pela amizade e por sempre me encorajar, acreditar em mim e a quem retribuo tanto afeto. Obrigada meus irmãos e sobrinhos, em especial a Silvia que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre cuidou dos meus filhos e fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Ao meu esposo e filhos o meu eterno agradecimento por entenderem tantas renúncias em família, para focalizar a busca pela tão sonhada formação acadêmica e que nos momentos mais difíceis não deixou que desistisse, sempre me ajudando a superar os obstáculos que a vida nos impõe.

A minha sogra Ivonete que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis fortalecendo para que eu não desistisse do meu sonho.

A esta universidade, ao corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, no mérito e ética aqui presentes. Em particular minha orientadora prof.<sup>a</sup> Ms. Edina Rodrigues que com sua competência transformou estes momentos em grandiosos saberes.

Aos meus amigos e colegas de sala de aula, pela força que me deram ao longo do curso, em especial as amigas Elieuma, Isanara, Telma, Xirleivania, companheiras de trabalhos e irmãs na amizade que fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida com certeza

Meus agradecimentos minha amiga Xirleivania por dividir comigo momentos, de alegrias, tristezas, ganhos, perdas.

A minha querida Rita amiga pelo sim e pelo não, pela amizade, pela mensagem de antemão, pelo ombro amigo, pelo sorriso querido.

“Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. ” Paulo Freire.

## RESUMO

O tema desta pesquisa é “A relação afetiva entre o professor e o aluno na educação infantil”, de uma escola da rede pública municipal de ensino na cidade de Itupiranga. A mesma fundamenta-se em apresentar as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem, compreendendo como acontece a relação afetiva entre professor e aluno na Educação Infantil. Tem como objetivo a investigação da importância da relação afetiva na prática dos professores das turmas de Educação infantil da escola na cidade de Itupiranga-Pará. Com esta pesquisa analisemos as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar. Para esse estudo, além da realização de uma pesquisa bibliográfica, houve também a efetivação de uma entrevista semiestruturada envolvendo a relação afetiva em sala de aula com quatro professoras das turmas de educação infantil, professoras mediante um roteiro de perguntas previamente elaboradas, onde foram priorizadas questões que possibilitou o conhecimento acerca da importância da afetividade para as crianças da educação infantil na visão das referidas professoras. Os dados obtidos com a análise posterior nos permitiu perceber que a escola deve adequar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade. Sendo que o professor é essencial para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos subsídios que influencia esse processo. Por meio da pesquisa realizada em uma escola da rede municipal de ensino, pode-se averiguar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das professoras deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto extraordinário no processo de ensino e aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

**Palavras- chave:** Respeito, Carinho, Diálogo, Relação afetiva, Processo de aprendizagem

## ABSTRACT

The theme of this research is "The affective relationship between the teacher and the student in early childhood education," a school of municipal public schools in the city of Itupiranga. The same is based on present contributions of affective relation to the learning process, comprising as it does the affective relationship between teacher and student in Early Childhood Education. Aims to investigate the importance of affective relationship in the practice of teachers in Education Classes Kids school in the city of Itupiranga Para. With this research we analyze the contributions of the relationship between teacher and student to the process of school learning. For this study, besides conducting a literature search, there was also the realization of a semi-structured interview involving affective relationship in the classroom with four teachers of early childhood education classes, teachers through a previously prepared script of questions, where questions were prioritized which enabled the knowledge about the importance of affection for children in early childhood education in the vision of those teachers. The data obtained from subsequent analysis allowed us to realize that the school should adapt a space for reflections on the life of the student as a whole, contributing to the development of a critical consciousness and transformative, in which this process should not be dissociated from affectivity . Since the teacher is essential for students' learning, making the affectivity of the subsidies that influence this process. Through research conducted in a school of municipal schools, we determined that the affection is essential to educational achievement, since the words of the teachers make it clear that the affectivity represents a remarkable feature in the teaching process and learning, which is based on mutual respect, dialogue and especially the mutual affection.

Keywords: Respect, Caring, dialogue, affective relations, learning process

## **LISTAS DE ABREVEATURAS E SIGLAS**

**LDB-** LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO;

**PPP-** PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO;

**TCC-** TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO;

**RCNS-** REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

**IDEB** - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

**ONU** - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

**PDDE** - PROGRAMA DINHEIRO DIRETO NA ESCOLA

**SEMED-** SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

**PARFOR-** PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

**UFPA-** UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**ZPD-** ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 - APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	<b>15</b>
1.1 O que é Educação Infantil .....	15
1.2 Uma breve retrospectiva Histórica da Educação Infantil.....	17
1.3 História da Educação Infantil no Brasil .....	19
<b>2 - O LUGAR DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO COM O OUTRO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM</b> .....	<b>22</b>
2.1 A afetividade e a aprendizagem .....	22
2.2 A relação afetiva na educação infantil .....	24
2.3 A afetividade e a mediação do professor.....	26
2.4 A família, escola e a relação afetiva .....	30
2.5 A importância do brincar nas relações afetiva .....	33
<b>3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS DA PESQUISA</b> .....	<b>39</b>
3.1 Comparando Teoria e Prática .....	39
3.1.1 Perfis das professoras.....	41
3.1.2 Dados da pesquisa.....	42
3.2 Análise dos dados da pesquisa .....	44
3.2.1 Concepções das professoras acerca da afetividade.....	44
3.2.2 A importância da relação afetiva na educação infantil .....	47
3.2.3 As contribuições da afetividade para o desenvolvimento infantil .....	50
3.2.4 Os métodos utilizados para desenvolver a aprendizagem .....	54
Considerações finais.....	57
Referências.....	60

## INTRODUÇÃO

Estudar sobre a importância da relação professor-aluno no processo de formação e aprendizagem de crianças da Educação Infantil surgiu da preocupação de saber como essas ações pedagógicas estão sendo realizadas em sala de aula.

Ao longo de meus 10 anos de docência na Educação Infantil no município de Itupiranga/PA, tenho observado que na maioria das ocasiões os professores preocupam-se somente em transmitir conhecimento, deixando de lado a relação afetiva que favoreça o desenvolvimento cognitivo da criança da Educação Infantil.

Vale ressaltar que a afetividade para criança no processo de formação é primordial, pois a criança necessita de carinho, atenção, afeto, enfim, de sentimentos positivos que proporcionem a sua valorização e uma boa relação social que contribui para construção do conhecimento.

Nessa perspectiva a afetividade é construída a partir da vivência com o meio a qual está inserida, não se restringindo apenas ao contato físico, mas a uma relação afetiva que estimule o interesse do educando para o desenvolvimento de aprendizagem, na qual todos possam demonstrar comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, visto que afetam as relações, por conseguinte, o processo de aprendizagem.

A partir dessas ponderações acerca do tema em questão, buscou-se entender como se dá a relação afetiva no processo de aprendizagem das crianças da Educação Infantil. Para tanto, traz-se como suporte teórico para as considerações desenvolvidas neste trabalho as concepções de Wallon (1986), Vygotsky (1998), Chizzotti (2003) e Antunes (2006), tendo como objeto de investigação a prática dos professores das turmas de pré III na Escola Municipal de Ensino Fundamental Anízio Pontes na cidade de Itupiranga-Pará.

Nesse sentido aponta-se o problema que guiou o presente Trabalho de Conclusão de Curso: Qual a importância da relação professor - aluno no processo de aprendizagem das crianças de Educação Infantil?

Para o delineamento desse estudo apresenta-se como objetivo geral compreender como os professores da Escola que atuam em turmas da Educação Infantil na cidade de Itupiranga/PA, veem e consideram a relação afetiva entre o professor e o aluno para o desenvolvimento da aprendizagem. E como objetivos

específicos; escrever uma breve retrospectiva histórica da afetividade: definir afetividade em diferentes contextos, enfatizando o cotidiano escolar; definir como os professores da Educação Infantil entendem a relação professor e aluno para o desenvolvimento da aprendizagem; identificar as contribuições da afetividade na relação professor / aluno para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças da Educação Infantil no cotidiano escolar.

A definição destes objetivos atendeu o intuito de buscar formas de aproximação e caminhos adequados para realização desta pesquisa deste trabalho. A mesma foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino no município de Itupiranga/PA. E tem como participantes quatro professoras de Educação Infantil, as quais foram selecionadas por atuarem na referida etapa há vários anos, e possuir larga experiência relacionada ao meu objeto de pesquisa. Portanto, as investigações das práticas das referidas professoras forneceram informações para as análises e reflexões a serem realizadas referente ao tema em estudo, o que enriqueceu a pesquisa.

A pesquisa tem como participantes quatro professoras, cujo nomes foram substituídos por letras na intenção de preservar suas identidades, as mesmas atuam na educação infantil, e nos permitiu as entrevistarem. Estas profissionais foram selecionadas por atuarem na referida etapa há vários anos, e possuir larga experiência relacionada ao objeto de pesquisa em questão.

Portanto, a investigação das práticas das referidas professoras nos proporcionou ricas informações para as análises e reflexões realizadas referentes ao tema em estudo, o que oportunizou momentos de descoberta referente ao tema foco do estudo.

O desenvolvimento metodológico utilizado no decorrer da pesquisa foi de caráter qualitativo. Esta perspectiva busca entender um fenômeno específico em profundidade, pois ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, a qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações, tornando-a mais participativa, portanto, menos controlável. Os participantes da pesquisa podem direcionar o rumo da pesquisa em suas interações com o pesquisador. Para Chizzotti (2003, p. 79) “A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e a subjetividade do sujeito”.

Para a realização da pesquisa de campo foram adotados como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A mesma foi realizada com as professoras mediante um roteiro de perguntas previamente elaboradas, onde serão priorizadas questões que possibilitem o entendimento que as referidas professoras possuem sobre a importância da afetividade para as crianças da educação infantil. Procuramos por meio desta pesquisa coletar dados que possibilitasse a compreensão acerca das construções das crianças por meio da relação afetiva.

Essa técnica de coleta de dados é um dos principais instrumentos usados nas pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos. Pois, os investigadores adentram no mundo dos entrevistados, tentando compreender o comportamento real dos informantes e como constroem a realidade em que atuam. Portanto acredita-se que somente num ambiente onde há interação, troca de sentimentos, afetos e uma consciência afetiva, a aprendizagem acontecerá de forma prazerosa, significativa para com desenvolvimento cognitivo mais rico.

Para realização desta pesquisa utilizamos como base teórica os seguintes autores: Wallon, (1994), Cunha (2012) Vygotsky (1998), Almeida (2012), entre outros por apresentarem relevantes contribuições referentes à área investigada.

Ao considerar a relevância dessa temática apresentada na literatura especializada bem como as pretensões com o estudo buscamos entender melhor as relações afetivas com o desenvolvimento e aprendizagem na educação infantil, nesse sentido o mesmo apresenta importantes subsídios para uma reflexão acerca do brincar nesta etapa escolar.

Para uma melhor apresentação deste estudo, sua estruturação está organizada em três capítulos, que, de modo articulados discutem questões referentes a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem das crianças na educação infantil.

O primeiro trata da aprendizagem no contexto do desenvolvimento da educação infantil, ao refletir sobre o desenvolvimento nesta etapa de ensino, bem como as transformações ocorridas neste ao longo dos tempos, também são abordados uma breve retrospectiva histórica da educação infantil no tocante a afetividade, a história da educação infantil no Brasil, e por fim as contribuições do brincar nas relações afetivas para o desenvolvimento da criança.

O segundo capítulo trata do lugar da afetividade na relação com o outro no processo de ensino aprendizagem, brincadeiras na educação infantil, em específico

as contribuições das mesmas para o desenvolvimento da criança, a relação afetiva na educação infantil, o trabalho pedagógico fundamentado na afetividade na mediação do professor e pôr fim a família, a escola e a relação afetiva.

O terceiro e último capítulo está estruturado da seguinte forma: A importância da relação professor/aluno para o desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil, comparando teoria e prática, concepções das professoras acerca da afetividade, a importância da relação afetiva na educação infantil, as contribuições da afetividade para o desenvolvimento infantil, os métodos utilizados para desenvolver a aprendizagem, bem como o perfil das professoras entrevistadas, os dados da pesquisa acomodados em quadros contendo trechos das falas das professoras, e por fim os dados analisados contemplado a importância da afetividade para o desenvolvimento da criança, concepção das professoras, sendo todas essas analisadas por autores referenciados no primeiro e no segundo capítulo.

Portanto, percebe-se que a partir dessa pesquisa a relação professor-aluno se revela de forma enriquecedora no processo de ensino-aprendizagem, pois o professor que busca conhecer o universo dos educandos tem bom senso, proporciona aos mesmos o desenvolvimento da autonomia e torna-se um facilitador competente da aprendizagem, visto que, quando há um ambiente de interações e trocas entre os alunos, suas vivências e a presença de um educador afetivo que dê importância tanto aos aspectos cognitivos quanto aos emocionais é que a educação pode de fato transcorrer de forma significativa e prazerosa.

# **1 - APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

## **1.1- O que é educação infantil**

Durante muito tempo a Educação Infantil foi vista como uma forma de cuidar, assim sendo era deixada em segundo plano, não contando com nenhuma inquietação no que diz respeito à maneira pedagógica que está inserida em todo contexto educacional.

Entretanto, atualmente, muito se discute sobre essa etapa de ensino. A Educação Infantil, primeira fase da Educação Básica, apresenta como finalidade o desenvolvimento integral da criança. Conforme a LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9394/96). Sobre a Educação Infantil, especificamente, a LDB diz que:

A Educação Infantil é conceituada como a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30 a Educação Infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos de idade e em pré- escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade. Art. 31. Na Educação Infantil a avaliação será feita mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para acesso ao Ensino Fundamental, (LDB, CAP.II; SEÇÃOII; ART.29-30-31 LDB).

Assim sendo percebe-se que a Educação Infantil deve ser entendida em amplo sentido, pois pode unir todas as modalidades educativas vividas pelas crianças na família, na comunidade e na escola. De tal modo a educação infantil tem como objetivo contribuir para a formação global harmônica da criança, de maneira afetiva e lúdica que tem significado concreto para a vida das crianças, e simultaneamente asseguram a aquisição de novos conhecimentos o que facilita o processo de ensino aprendizagem.

Portanto, é importante que o educador da Educação Infantil preocupe-se com a organização e aproveitamento das atividades contribuindo assim para o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos assegurando o seu ingresso ao Ensino Fundamental, pois este já é considerado a segunda etapa do processo educacional da pessoa, construído sobre as estruturas psicomotoras, afetivas, sociais e cognitivas dos primeiros cinco ou seis anos de vida.

Nesse sentido o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que:

Cabe ao professor individualizar as situações de aprendizagem oferecidas às crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais, cognitivas assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e as individualidades de cada criança. (BRASIL, 1998 vol. 2 p. 32).

No fragmento acima destaca-se a importância de considerar que as crianças são diferentes entre si, que cada uma possui um ritmo de aprendizagem e que o professor deve estar preparado para proporcionar às crianças uma educação baseada na realidade de aprendizagem de cada uma, considerando-as singularidades e suas características.

Ainda segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil podemos destacar que:

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural. (BRASIL, 1998 vol. 2 p. 22).

O trecho acima, faz uma ressalva muito interessante de grande relevância ao conhecimento do educador, que precisa ter bem claro que as crianças são pessoas com características individuais, e necessitam também, de um atendimento peculiar que garanta o seu desempenho, respeitando seu ritmo e garantindo seu direito a educação, que na educação infantil embora ainda não tenha o caráter de obrigatoriedade, é de suma importância ao desenvolvimento dos cidadãos e cidadãs brasileiras.

O Plano Nacional pela Primeira Infância (2010) consigna, da legislação, da política educacional e da experiência pedagógica, as seguintes diretrizes para orientar as ações nele previstas:

1. A definição da educação infantil como primeira etapa da educação básica é conceitual – não mera posição cronológica no processo de aprendizagem:

é nesse período da vida que se constroem as estruturas do aprender, as quais abrem vias para as aprendizagens seguintes;

2. A educação infantil é um direito da criança. E sua oferta é dever do Estado. Ela será assegurada a toda criança que dela necessite ou por ela demande, por meio de sua família ou de seus responsáveis. A partir dos quatro anos completos, até cinco anos e onze meses de idade, as crianças estão obrigadas a frequentar a educação infantil;

3. O direito à educação infantil é assegurado por lei – art. 10, § 4º da Lei nº 11.494/2007 – até o término do ano letivo em que a criança completa seis anos de idade;

4. A ação do Estado na educação infantil se realiza em estabelecimentos educacionais, designados creches e pré-escolas, e que podem adotar diferentes nomes como, entre outros, de centros de educação infantil; (Plano Nacional Pela Primeira Infância, 2010, p.38-39)

Assim, identifica-se que um dos grandes desafios da educação infantil e de seus respectivos profissionais é compreender, conhecer e respeitar o modo particular das crianças serem e estarem no mundo, proporcionando momentos em que a aprendizagem aconteça de forma significativa e prazerosa.

## 1.2- Uma breve retrospectiva histórica da educação infantil

Segundo Andrade (2010), a história dos direitos da infância, assim como a história da criança, é uma construção social configurada pelo caráter paradoxal quanto ao reconhecimento da necessidade do direito e aos entraves para sua efetivação.

Fullgraf (2001 apud ALMEIDA, 2012, p. 80) enfatiza que:

Os direitos do homem, por mais fundamentais que possam ser, são direitos, que nascem em certas circunstâncias, e que na verdade se caracterizam por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes. [...] Assim pode se afirmar que não existem direitos fundamentais, ou seja, o que parece fundamental num certo contexto histórico e numa determinada civilização não é fundamental em outros momentos ou em outras culturas (FULLGRAF, 2001, p.29).

Ao se considerar os conceitos de infância e de criança construídos historicamente e com toda a transformação social, a escola demanda uma pedagogia específica, só a família não é mais suficiente neste período da educação. A escola passa a ser um veículo para o aprendizado da vida em sociedade e não só transferência de conhecimentos sistematizados.

Para Kuhlmann Junior (2001), a infância é uma condição do ser criança, devendo ser compreendida no contexto das relações sociais, como especificado no trecho a seguir.

[...] considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por e a em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras da história (KUHMAN JUNIOR, 2001 p. 31).

Sendo assim ao considerar esses pressupostos percebe-se que é preciso reconhecer as crianças enquanto sujeitos históricos capazes de expressar sentimentos, desejos e opiniões.

Kramer (2003) enfatiza que a ideia de infância aparece com a sociedade capitalista urbana industrial, à medida que mudam a inserção e o papel social da criança na sociedade.

Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças; corresponde na verdade, à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que a distingue do adulto faz com que ele seja considerado como adulto em potencial, dotada de capacidade de desenvolvimento (KRAMER, 2003, p.17).

No fragmento acima verifica-se que, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. Por isso nas artes podia-se ver pinturas de crianças sem nenhuma expressão infantil, somente diminuía o tamanho dos adultos, até porque o traje dessas crianças eram os mesmos dos adultos confeccionados em tamanho menor.

Segundo Soares por volta do século XVI é possível perceber a condição da criança na sociedade e sua separação do mundo, gradualmente foram modificadas neste século, o trecho a seguir cita essa afirmação.

É a partir do século XVI que se iniciam as mudanças mais significativas, que viriam alterar a posição e estatuto das crianças relativamente aos adultos. Atitudes associadas à sobrevivência, proteção e educação das crianças, que gradualmente se foram fortalecendo durante os séculos XVII e XVIII, começaram a permitir delinear um espaço social especial destinado às crianças, no qual é já possível salvaguardar algumas das suas necessidades e direitos (SOARES, 1997, p. 78).

Ao considerar esses pressupostos, visualiza-se que as crianças eram subjugadas pelo poder sem limite dos pais, estando em condição de ser maltratado, abusadas, vendidas ou até mesmo mutiladas.

Conforme Áries (1981) o sentimento de família, que emerge assim nos séculos XVI e XVII, é inseparável do sentimento da infância. Portanto é possível

perceber que somente nos séculos citados por Áries, que a infância começa a ser valorizada.

Isso não significava que os pais não amassem seus filhos: eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhes tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental (ARIÈS, 1981, p.231).

Andrade (2010, apud FLEURY, 1995, p.136) destaca que a concepção de natureza infantil colabora para o desenvolvimento de duas atitudes contraditórias dos adultos diante das crianças, ou seja a papparicação e a moralização, como afirma o fragmento abaixo.

As contradições imputadas à natureza infantil são, portanto, múltiplas e a imagem que se faz da criança hoje em dia leva a duas atitudes contraditórias que caracterizam o comportamento dos adultos: uma é a da "papparicação" achando a criança ingênua, graciosa, pura, inocente; a outra considera a criança um ser imperfeito, um ser que na verdade é um vir-a-ser, alguém incompleto que precisa de moralização e da educação dada pelo adulto (FLEURY 1995, p.136).

Assim sendo percebemos que os dois tipos de sentimentos em relação à infância, tanto o de papparicação quanto a moralização estavam preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes, este último ligado ao clero.

A imagem da escola do século XIV, onde ainda não existia uma educação sistematizada, é de uma sala com bancos e um mestre que esperava pelos seus "fregueses" – alunos que tinham de 7 a 20 anos ou mais. De acordo com Áries (1981), "como poderia ser de outra forma, se não havia gradação nos currículos, e os alunos mais velhos simplesmente haviam repetido mais vezes o que os jovens haviam escutado apenas uma vez, sem que houvesse outras diferenças entre eles" (ARIÈS 1981, p. 167).

### 1.3 História da educação infantil no Brasil

No Brasil, por volta de 1970, com o avanço do número de fábricas, iniciaram-se os movimentos de mulheres e os de luta por creche, resultando na necessidade de criar um lugar para os filhos da massa operária, surgindo então as creches, com o foco completamente assistencialista, visando apenas o "cuidar", como ratifica o fragmento a seguir.

[...] a história das instituições pré- escola não é uma sucessão que se somam, mas a interação de tempos, influências e temas, em que o período de elaboração da proposta educacional assistencialista se integra aos outros tempos da história dos homens (KUHLMANN Junior, 2001, p.81).

Conforme Bujes (2001), o surgimento das instituições de educação infantil se relaciona com o surgimento da escola e do pensamento moderno entre os séculos XVI e XVII. Para ele o contexto histórico do surgimento dessas instituições é ainda marcado por transformação no interior da organização familiar que assume o modelo nuclear, e ao desenvolvimento de teorias voltadas para a compreensão da natureza da criança marcada pela inocência e pela inclinação às más condutas, como mencionado no segmento abaixo.

[...] o que se pode perceber é que existiram para justificar o surgimento das escolas infantis uma série de ideias sobre o que constituía uma natureza infantil, que, de certa forma, travava o destino social das crianças (o que elas viriam a se tornar) e justificar a intervenção dos governos e da filantropia para transforma as crianças (especialmente as do meio pobre) em sujeitos úteis, numa sociedade desejada, que era definida por poucos. De qualquer modo, no surgimento das creches e pré-escolas conviveram argumentos que davam importância a uma visão mais otimista da infância e de suas possibilidades, com outros objetivos do tipo corretivo, disciplinar, que viam principalmente nas crianças uma ameaça ao progresso e a ordem social (BUJES, 2001, p.15).

Deste modo é importante ressaltar que no final do século XIX começa a ser discutido no Brasil as concepções elaboradas na Europa sobre a educação infantil. A partir deste período foram criadas as primeiras instituições voltadas para o atendimento de crianças pobres. Posteriormente surgiram os primeiros jardins-de-infância públicos voltados para as crianças mais ricas.

Segundo Pereira & Teixeira (1997), apesar das limitações ainda presentes, o texto da lei traz uma opção conceitual de educação que projeta uma nova dimensão à formação do homem.

Art. 1º- A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Conforme Kramer (1988), as políticas públicas para infância brasileira do XIX até o século XX foram marcadas por ações e programas de cunho médico-sanitário, alimentar e assistencial, predominando uma concepção psicológica e patológica de

criança, inexistindo um compromisso com o desenvolvimento infantil e com os direitos da infância.

[...] voltadas quando muito, para a libertação das mulheres para o mercado de trabalho ou direcionar a uma suposta melhoria do rendimento escola posterior, essas ações partem também de uma concepção de infância que desconsidera a sua cidadania e desprezava os direitos fundamentais capazes de proporcionarem às crianças brasileiras condições mais dignas de vida (KRAMER,1988, p.199).

Vale destacar que a necessidade por atendimento às crianças pequenas só vem aumentando diante da estrutura capitalista atual e as instituições vêm experimentando diversas metodologias e formas de estimulação por meio de atividades lúdico-pedagógicas.

Segundo Kramer (2003) é crucial a atenção às políticas para infância, visto que a educação da criança pequena não é apenas um direito social, mas direito humano, como especificado no trecho a seguir.

[...] a educação da criança pequena é direito social porque significa uma das estratégias de ação (ao lado do direito à saúde e à assistência) no sentido de combater a desigualdade, e é direito humano porque representa uma contribuição, dentre outras, em contexto de violenta socialização urbana como os nossos, que se configura como essencial para que seja possível assegurar uma vida digna a todas as crianças (KRAMER, 2003, p.56).

Nessa perspectiva, a maioria dos pais procuram atendimento integral para as crianças, esta realidade merece uma reflexão especial, na verdade na última década houve muitos casos uma transferência da responsabilidade pela educação dos filhos para os profissionais da educação, que se sentem muitas vezes sobrecarregados e sem apoio, principalmente da família, para realizar seu trabalho. É essencial que as famílias acompanhem o desenvolvimento de suas crianças e participem juntamente com as escolas no processo educacional. Nessa perspectiva Oliveira (1988, p. 48), enfatiza que:

O baixo salário e a falta de extensão de serviços de infraestrutura urbana para atender as necessidades sociais agravam a questão da creche que nessa altura não mais aceitam apenas como uma ajuda filantrópica ou empresarial, mais começa a ser reivindicada pela população mais pobre como necessidade de mães que precisam trabalhar para a subsistência da família.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, vol. 1 p.17), afirma que:

Constituir-se em um equipamento só para pobres, principalmente no caso das instituições de educação infantil, financiadas ou mantidas pelo poder público, significou em muitas situações atuar de forma compensatória para sanar as supostas faltas e carências das crianças e de suas famílias. A tônica do trabalho institucional foi pautada por uma visão que estigmatizava a população de baixa renda.

Ao apresentar-se essa afirmação compreende-se que, devido a necessidade encontrada, foram implantadas instituições voltadas para o atendimento de crianças, porém o caráter era puramente assistencial, havia preocupação com a organização espacial e com a saúde da criança, não havia um trabalho de cunho pedagógico, era um trabalho assistencial.

Vejamos o que diz o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil a esse respeito:

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (BRASIL, 1998 vol. 1 p. 17).

Portanto, entende-se que o atual processo de escolarização das crianças pequenas, de três a seis anos, ao mesmo tempo em que propaga a definida inclusão da criança na cultura, o reconhecimento de sua cidadania como um sujeito de direitos, pode vir a ser um modo de captura e de escolarização precoce no sentido da disciplinarização, normalização e normatização do corpo, das palavras e gestos, na produção de um determinado tipo de aprendiz trazendo, assim, uma rejeição à alteridade e às diferenças que as crianças anunciam, enquanto protagonista do processo de ensino e aprendizagem.

## **2 - O LUGAR DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO COM O OUTRO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.**

No processo de aprendizagem existem dois sujeitos: o educador e o educando. Para aprender, o sujeito precisa articular-se, desde sua primeira infância, quando, para construir o conhecimento, precisa interagir o tempo inteiro com o objeto de sua curiosidade. Mesmo sendo o desejo a mola propulsora para se aproximar do

objeto, é o corpo que estabelece relação direta proporcionando-lhe prazer, por alcançar o que foi almejado.

## 2.1 A afetividade e a aprendizagem

As crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental necessitam de uma aproximação com o adulto, e vale ainda destacar que nem todas passam pela Educação Infantil, por uma série de fatores sociais, econômicos e políticos, e independente de ter ou não tido acesso a este nível de ensino, precisa ser bem recepcionado pelo professor e este ter respeito diante das especificidades dos alunos, como afirma o trecho abaixo.

[...] A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor (ANTUNES, 2006, p.5).

Diante da afirmativa, percebe-se que a aprendizagem é uma mudança comportamental que resulta da experiência, é, portanto uma forma de adaptação ao ambiente em que está inserido. Pois o professor se torna fundamental para a aprendizagem dos alunos, sendo a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo.

Segundo Wallon (1993 apud ALMEIDA 2012, p.32) afetividade e a inteligência constituem-se um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando associadas, permitem à criança atingir níveis de desenvolvimento cada vez mais elevados. Ainda segundo o autor, a inteligência tem no desenvolvimento a função de observar o mundo exterior para descobrir, explicar e transformar, os seres, as coisas. Esse conhecimento do mundo decorre da transformação do real em mental, isto é, da capacidade do homem de representar o mundo concreto.

[...] Para que ele possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio. Constituem seus objetos a aquisição ou o desenvolvimento existente fora do indivíduo e que representam o patrimônio do grupo (WALLON 1993, apud ALMEIDA 2012, p.14).

Deste modo, para se compreender a psicogênese do ser humano é fundamental lembrar que as funções intelectuais adquirem importância progressivamente, conforme aumenta o processo de interação com o meio.

De acordo com Wallon, a afetividade, envolve diversas manifestações, abrangendo os sentimentos (ordem psicológica) e as emoções (ordem biológica). Deste modo, faz-se necessária a distinção dos termos emoção e afetividade, uma vez que, visivelmente, são usados como sinônimos. O primeiro relaciona-se às manifestações afetivas de estados subjetivos, agregados a componentes orgânicos, como os sentimentos e os desejos; o segundo tem, de acordo com Wallon, uma compreensão mais ampla que envolve uma gama maior de manifestações, englobando as extensões psicológica e biológica, ou seja, os anseios e as próprias emoções como explicitado no fragmento a seguir.

As emoções consistem essencialmente em sistema de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. Atitudes e ação correspondente implicam-se mutuamente, construindo uma maneira global de reagir de tipo arcaico, frequente na criança. Opera-se então uma totalidade indivisível psíquica, orientada todas no mesmo sentido, e os incidentes exteriores. Daqui resulta que, muitas vezes, é a emoção que dá tom ao real. Mas, inversamente, os incidentes exteriores adquirem quase seguramente o poder de desencadear. Ela é, com efeito, como que uma espécie de prevenção que depende mais ou menos do temperamento, dos hábitos do indivíduo. Mas esta prevenção, focando indistintamente à sua volta todas as circunstâncias de fato atualmente reunidas, confere a cada uma, mesmo fortuita, o poder de fazer ressuscitar mais tarde, como faria o essencial da situação (WALLON 1994, p.123).

Assim sendo, Wallon em sua teoria psicogenética, procura compreender o psiquismo humano e, volta sua atenção para a criança, pois, através dela, é provável ter acesso à gênese dos processos psíquicos, das funções intelectuais.

Ainda segundo o autor, as emoções são reações organizadas e que se desempenham sob o comando do sistema nervoso central. Assim, o autor analisa a afetividade como ponto de partida do desenvolvimento, apontando que, desde o início, o primeiro papel do desenvolvimento infantil é afetivo.

De acordo com Wallon (1993 apud ALMEIDA 2012 p.56) a emoção deve ser diferenciada de algumas manifestações afetivas em que a representação, ao contrário do que ocorre na emoção, torna-se reguladora ou estimuladora da afetividade psíquica; é o caso do sentimento e da paixão. Como está explicitado no fragmento a seguir.

Num, a ideação predominará sobre a emotividade, despertando ressonâncias afetivas cada vez que se produz: trata-se, então, de sentimentos. Em certo sentido, o termo emoção- sentimento constitui uma contradição. Os emotivos e os sentimentais representam dois tipos de indivíduos de temperamentos nitidamente distintos. O sentimental pertence ao tipo dos que ficam ao abrigo da tempestade emotiva, visto ser antes de tudo um ideativo cuja ideação liquida a todo instante a tensão emotiva. A representação também pode ter um alvo ou um objetivo imposto a afetividade e sobre ela imperante. O apaixonado, habitualmente, se mantém senhor de suas reações afetivas. Diante de impulso emotivos, caminha para o raciocínio. A diferença entre o apaixonado e o sentimental está na necessidade de transformar em fatos suas representações, em lugar de restringir a experimentar sua nuance afetiva. Com o emotivo, a diferença é ainda maior, pois neste ocorre o predomínio do ambiente ao qual não sabe fugir: suas reações, entretanto, são de ordens puramente subjetiva e tendem a sufocar a noção das realidades exteriores sob o fluxo das sensibilidades orgânicas. (WALLON 1994, p.176-177)

Portanto, concordar com as colocações do autor, identifica-se a afetividade como um fator fundamental para o desenvolvimento da criança no processo educativo. Pois quando há uma relação de afeto, a aprendizagem ocorre de forma mais ampla favorecendo desempenho da criança na realização das atividades.

Para Wallon (1994), a emoção e o sentimento são conceitos que não se confundem. A emoção é a manifestação de estado subjetivo com componentes fortemente orgânicos, mais precisamente tônicos; é a expressão própria da afetividade. O sentimento é psicológico, portanto revela um estado mais permanente, enquanto a emoção, por ser mais orgânica é efêmera.

## 2.2 A relação afetiva na educação infantil

Segundo Vygotsky (1986) as mudanças na vida psicológica e social estão associadas, ao importante papel do mediador das ferramentas, do trabalho e dos instrumentos semióticos.

Para Piaget (1992), a afetividade não se restringe às emoções e aos sentimentos, mas engloba também as convergências e a vontade. Segundo ele para ter um bom desenvolvimento cognitivo em primeiro deve haver um desenvolvimento afetivo, pois a partir do afeto muitos sentimentos são desenvolvidos incluindo o interesse pela aprendizagem.

De acordo com Piaget (apud ARANTES 2003, p. 56)

A afetividade, e o desenvolvimento da inteligência estão indissociadas e integradas, no desenvolvimento psicológico, não sendo possível ter duas

psicologias, uma da afetividade e outra da inteligência para explicar o comportamento. (ARANTES 2003, p.56).

Wallon (1994) foi o primeiro a levar não apenas o corpo da criança, mas também suas emoções, para dentro da sala de aula. Suas opiniões foram fundamentadas em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

Wallon (1994) destaca ainda a alternância existente entre as funções razão (cognitiva) e emoção (afetividade), apresentadas no decorrer do desenvolvimento da pessoa. A razão e a emoção estão unidas, ou seja, uma não acontece sem a outra, contudo uma sempre se sobrepõe à outra. O fragmento a seguir ratifica este entendimento.

[...] As influencias das excitações labirínticas sobre o comportamento do recém-nascido são evidentes. Eles podem ser suficientes para modificar sistematicamente a posição de sua cabeça e dos seus membros e explicam o prazer que ele sente em ser embalado (WALLON1994, p.122).

Nesse sentido percebe-se que os reflexos tônicos estão ligados ao prazer, ou seja, ao bem estar infantil. Visto que a expressão tônica do recém-nascido é a ferramenta de sua própria sobrevivência na medida em que pode suscitar no outro a participação, a satisfação de suas necessidades, o que sozinha, a criança não é capaz de fazer.

Segundo Dantas (1992), além de ser uma das dimensões da pessoa, a afetividade é a mais arcaica fase do desenvolvimento e afirma que no início da vida a afetividade e inteligência estão emaranhadas com preponderância da primeira. Para ele o ser humano, desde o nascimento, é um ser afetivo, e que gradualmente, esta afetividade inicial vai diferenciando-se em vida racional.

Conforme Wallon (1993, apud ALMEIDA p.74) " a emoção estabelece, pois, as bases da inteligência; se identifica com o seu desenvolvimento próximo, a afetividade, surge como condição para toda e qualquer intervenção sobre aquela". Assim sendo pode se afirmar, portanto, que a afetividade só é instigada através da vivência, na qual o professor estabelece um vínculo de afeto com o educando, pois a criança precisa de equilíbrio emocional para se envolver com a aprendizagem.

Deste modo, percebe-se que a afetividade está presente em todas as relações pessoais, e que o processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que

objetivam não só a contentamento das necessidades básicas, como também a construção de novas interações sociais.

### 2.3 A afetividade e a mediação do professor

Ao aborda o desenvolvimento da criança, cabe ressaltar o papel da intervenção neste processo, a qual é um elemento necessário para a delimitação e ampliação do sujeito como pessoa, todas as relações com membros da família e com o espaço social em que vive podem fornecer padrões de aprendizagem para a criança.

Deste modo, educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar que o educador estima ser o certo. Educar é auxiliar o educando a tomar consciência de si próprio, dos outros, da sociedade em que vive e o seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar o outro com suas falhas e qualidades.

Alves (2000) enfatiza que: "Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra". O professor, assim, não morre jamais. Nessa perspectiva é preciso que o professor tenha consciência de que as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabe sobre as mais diversas esferas do conhecimento em uma atividade espontânea e imaginativa. Nesta perspectiva, a aprendizagem não deve estar baseada apenas em propostas dos professores, mas essencialmente, na escuta das crianças e na compreensão do papel que desempenham a experimentação e o erro na construção da aprendizagem. Para Costa (2005 apud RAU 2011, p.38):

Educar é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade, oferecendo ferramentas para que o outro possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, com sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá contratar.

Assim sendo, através das atividades de aprendizagem, a criança é desafiada a ir ao encontro do novo, produzir, elaborar e reelaborar conhecimentos, sendo o professor o mediador desse processo e aquele que planeja as atividades produtivas para estabelecer a aprendizagem, a investigação e a pesquisa que orientam as mudanças de conceitos.

Para propor uma aprendizagem significativa para as crianças da Educação Infantil é necessário que a mesma seja oferecida de forma que as interações em sala de aula sejam construídas em conjunto entre as partes envolvidas.

A intervenção do professor é necessária para que na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc. Para isso o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização (BRASIL, 1998 vol. 1 p. 30).

Portanto, percebe-se que a intervenção do professor é necessária para que as crianças da educação infantil ampliem suas capacidades de apropriação da linguagem por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias e que sejam capazes de reproduzir relações vivenciadas em seu cotidiano.

Ainda segundo o RCNEI (1998, vol.1 p.31), o professor deve refletir e discutir com seus pares sobre os critérios a serem utilizados na organização dos agrupamentos e das situações de influência mútua, mesmo entre os bebês, visando, sempre que possível, auxiliar as trocas de experiências entre as crianças e, ainda, garantir-lhes o espaço da individualidade.

Nesse sentido para que as aprendizagens infantis ocorram com sucesso, é indispensável que o professor considere, na organização de seu trabalho educativo, como especificado no trecho a seguir.

- \* a interação com as crianças da mesma idade e de idades diferentes em situação diversas como fator de promoção da aprendizagem e do desenvolvimento e da capacidade de relacionar-se;
- \* os conhecimentos prévios de qualquer natureza, que as crianças já possuem sobre o assunto, já que elas aprendem por meio de uma construção interna ao relacionar suas ideias com as novas informações de que dispõem e com as interações que estabelece;
- \* a individualidade e a diversidade;
- \* o grau de desafio que as atividades apresentam e o fato que devam ser significativas e apresentadas de maneira integrada para as crianças e as mais próximas possíveis das práticas sociais reais;
- \* a resolução de problemas como forma de aprendizagem. (BRASIL, 1998 vol. 1 p. 30).

Deste modo, percebe-se que nas instituições de educação infantil o professor torna-se, portanto um parceiro mais experiente, cuja função é propiciar e garantir um

ambiente rico, prazeroso, proveitoso e não discriminatório de experiências educativas e sócias variadas.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que:

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima (BRASIL, 1998 vol. 1 p. 31).

Ao considerar que as interações em sala de aula são construídas por um conjunto de variadas formas de atuação, que se constituem entre partes envolvidas, a mediação do educador em sala de aula, seu trabalho pedagógico, sua relação com os alunos, tudo faz parte desse papel.

Segundo Saltini (2008) o educador que atua na educação infantil precisa conhecer a realidade em que criança está inserida, como explicitado no fragmento a seguir

[...] mas conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criança que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola (SALTIINI, 2008, p.98)

Nesse sentido percebe-se que a partir do momento que uma criança vai para uma escola, não vai apenas para aprender e sim para vivenciar o aprendizado de forma total e o educador por sua vez deverá orientá-lo rumo as novas aprendizagens. Portanto é de fundamental importância destacar essa forma de afetividade, pois em algumas ocasiões não entende-se que pequenos gestos e palavras são maneiras de comunicação afetuosa que podem melhorar o procedimento de ensino e aprendizagem. Assim percebe-se que o ato de ensinar e aprender envolve e exige certa cumplicidade do professor, e tal cumplicidade se constrói nas intervenções, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado pela criança.

Para tanto o RCNEI afirma que:

O trabalho direto com criança pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe também trabalhar com conteúdo de natureza diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes de diversas áreas do conhecimento (BRASIL, 1998 vol.1 p.41).

O fragmento acima enfatiza que, pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam a criança a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança em todos os sentidos.

No que se refere a educação infantil, a relação do educador com os educandos é constante, dá-se o tempo todo, na sala, durante as atividades, no pátio, e até mesmo fora da instituição escolar, em função dessa proximidade afetiva que se dá interação com objetos e a construção do conhecimento altamente prazeroso, como mencionado no trecho a seguir.

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado (SALTINI, 2008, p.100).

Com base nessa afirmação percebe-se que as experiências afetivas nos primeiros anos de vida são decisivas para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com os próprios anseios, as qualidades dos laços afetivos são muito importantes para o desenvolvimento físico e cognitivo da criança. A relação interpessoal positiva que o aluno constrói com o professor, como aceitação e apoio, possibilitam o sucesso dos objetivos educativos e desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), a educação infantil deve ser constituída para atender aos seguintes objetivos, como atesta o trecho a seguir.

Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações; [...] Estabelecer vínculos afetivos e de troca com os adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social; [...] Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998 p.63).

Percebe-se na exposição dos objetivos acima que a afetividade excita e promove a aprendizagem, pois mesmo nos momentos informais, o educando aproxima-se do educador, trocando conhecimentos, expressando suas respectivas opiniões e fazendo questionamentos, sendo tais atitudes expressivas para a construção do conhecimento.

## 2.4 A família, escola e a relação afetiva.

No âmbito da Educação Infantil a escola, por ser o primeiro agente socializador fora do ambiente familiar da criança, torna-se alicerce da aprendizagem, desde que se ofereça todas as condições necessárias para que a criança se sinta segura e protegida. Assim sendo, não restam dúvidas de que se torna imprescindível a presença de um educador que apresente consciência de sua importância, não somente como um mero reproduzidor da realidade vigente, mas sim como um atuante transformador, com uma visão sócio crítica da realidade.

Portanto percebe-se que a afetividade é um dos fatores que estimula a capacidade de desenvolver o conhecimento voltado para o conhecer e o aprender de maneira que os vínculos e os aprendizados são construídos a partir das trocas estabelecidas entre o meio e sujeito.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil diz que:

[..] Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (BRASIL, 1998, vol. 1 p. 41).

Assim, acredita-se que o professor deve estar incumbido em desenvolver um importante papel social, qual seja o de compreender o educando no âmbito de sua dimensão humana, pois percebe-se que a capacidade da criança em se relacionar com o adulto está ligada ao meio em que está inserida. No entanto, a concepção de que a afetividade está reservada às crianças, nada mais é do que a perda de naturalidade humana, imposta pelo próprio homem.

Para Wallon (1994), é inevitável que as influências afetivas, que circulam a criança desde o berço, tenham sobre seu desenvolvimento mental uma ação determinante. As emoções contêm essencialmente de atitudes. Para ele são as relações afetivas que norteiam a interação dos dois componentes do desenvolvimento humano: o orgânico e o social, como explicitado.

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinada na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas pelo contrário, precisamos porque se dirigem, à medida que vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das

estruturas nervosas mantêm em potência e, por seu intermédio, às reações íntimas fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico (WALLON 1994.124)

Nesta perspectiva, percebe-se que entre o orgânico e o social existe uma relação de interdependência, de modo que estão intimamente ligados no processo de amadurecimento e desenvolvimento das habilidades humanas, pois as interferências que um e outro podem exercer sobre as atitudes são bastantes evidentes.

Wallon (1993, apud ALMEIDA 2012, p.76) enfatiza que a convivência social generaliza o conhecimento, e para a criança, isto é imprescindível, pois todo conhecimento deve ser remetido a um contexto de vivências, para a promoção de habilidades motoras, cognitivas e afetivas, como evidencia o trecho a seguir.

O desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para que ele possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio. Constituem seus objetos a aquisição ou o desenvolvimento de noções e de conhecimento existente fora do indivíduo e que representam o patrimônio do grupo (WALLON 1993, p.14).

Segundo Vygotsky (2004) as relações emocionais exercem influências substancial sobre todas as formas do nosso comportamento no processo educativo. Deverá haver, então, a gênese de atividade pedagógica emocionalmente estimulativas para os alunos atingirem um melhor trabalho e memorização do pensamento. "Sempre que comunicamos algumas coisas a algum aluno devemos procurar atingir seu sentimento" (VYGOSTSKY, 2004, p.143). Isso é necessário não somente como meio para melhor memorização e apreensão mas também como objetivo em si.

Segundo Cunha (2012) na educação, a escola é quem melhor pode promover a vida, de vivência plena, experimentação sem desperdício, expressando a importância da coletividade na individualidade de cada um, participando do cotidiano e produzindo conhecimento por meio do afeto, como especificado no fragmento a seguir.

A escola é uma árvore. A árvore é alimentada e alimentada. Abriga-se e ensina aos passantes à sua sombra. Sustenta os que se aconchegam e fazem seus ninhos e, como um pássaro, prepara ali uma nova geração para voar (CUNHA, 2012, p.31).

De acordo com essa afirmação percebe-se que a escola é fundamental para o desenvolvimento da criança promove a socialização como uma forma de ampliação do convívio das crianças com novas realidades. Assim ao considerar esses pressupostos ressalta-se que a escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações possuem substancial valor. Assim o professor que não considera os aspectos sociais e humanos de suas atribuições correrá risco de não ser bem sucedido em sua prática pedagógica, pois o aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento para o desenvolvimento.

Para Wallon (1986) à pré-escola "Cabe o papel de preparar a emancipação da criança e reduzir a influência exclusiva da família e promover o seu encontro com outras crianças da mesma idade". Nessa perspectiva pode-se dizer que cabe a escola ampliar e promover um ambiente sócio afetivo e saudável para as crianças promovendo uma socialização como forma de ampliação do convívio das crianças.

Vygotsky (1998) enfatiza que a afetividade influencia a aprendizagem por ser um elemento cultural, importante em todas as etapas da vida da pessoa e que a mesma tem importância fundamental no processo de ensino aprendizagem.

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridade de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo de ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno (VYGOTSKY 1998, p. 42).

O trecho acima evidencia que a aprendizagem se dá paralela aos aspectos afetivos, de maneira que a afetividade será determinante para a construção da aprendizagem, e os pais, professores e a escola devem entender que possuem papel importante nesse processo.

Para Chalita (2001) a educação está em constante aperfeiçoamento em busca de subsídios para tentar tornar o ato de ensinar prazeroso e significativo e o educador é um grande agente do processo educacional, como explicitado no fragmento a seguir.

A alma de qualquer instituição de ensino [...]. Por mais que se invista em equipamentos, em laboratórios, biblioteca, anfiteatros, quadras esportivas - sem negar a importância de todo esse instrumental -, tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais ao papel e a importância do professor (CHALITA 2001, pp.161-162).

Entende-se assim, que o educador infantil deverá estar consciente do seu papel e da sua importância no desenvolvimento desse processo, pois, junto com os

pais, os professores são responsáveis pelo encorajamento e crescimento e desenvolvimento integral da criança.

Ainda de acordo com as ideias de Chalita para lidar com a criança na educação infantil o educador deve ter:

[...] Professor tem luz própria e caminhar com pés próprios. Não é possível que ele pregue a autonomia sem ser autônomo; que fale de liberdade sem experimentar a conquista da independência que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. E para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto, que viva afeto. Ninguém dá o que não tem (CHALITA 2001, p.161).

Como mencionado no trecho acima o educador que trabalhar com educação infantil necessita ter uma aptidão polivalente, pois o mesmo irá trabalhar com conteúdos diversos que abordarão desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos das diversas áreas educacionais. Assim percebe-se que na Educação Infantil a afetividade possui um papel importantíssimo no processo de ensino- aprendizagem e que a família e o professor devem compreender que possuem uma incumbência, que é construir um ser humano crítico capaz de expressar suas opiniões.

## 2.5 A importância do brincar nas relações afetivas

As instituições de educação infantil devem completar a educação recebida pela criança na família e na comunidade. Nesse sentido, precisa uma articulação entre ambas as partes, visando um conhecimento mútuo dos processos de educação, valores éticos, morais, religiosos e culturais, necessidades de expectativa mútua, de modo que a educação familiar e a escola se enriqueçam a partir de troca de experiências, com aprendizagens coerentes, amplas e consistentes.

Segundo Vygotsky (1984) ao brincar, a criança projeta as atividades adultas da sua cultura, que pressupõem seus futuros papéis e valores. A socialização, mediante a instrução escolar, cria a zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o que a criança é capaz de realizar de forma autônoma e o que ela faz em colaboração com os outros. É na escola que a criança começa adquirir as habilidades para a sua autonomia enquanto cidadão e de participação social, como menciona o trecho a seguir.

A essência da brincadeira é a criação de uma nova relação entre situações do pensamento e situações reais criando uma zona de desenvolvimento proximal, a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, sendo como se ela fosse maior do que é realmente, contendo todas as tendências do desenvolvimento, promovendo mudanças nas necessidades e consciência (VYGOTSKY, 1984, p. 97).

Nessa perspectiva a construção das funções complexas do pensamento é efetivada primordialmente pelas trocas sociais, onde o afeto possui função relevante, ou seja, quanto mais o contato social é complexo e rico, mais a criança desenvolve áreas da sua aprendizagem, principalmente a área da linguagem.

O artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança, da ONU, assegura que toda criança tem direito ao descanso, lazer, a participar de atividades de jogos e recreações apropriadas à sua idade e a participar livremente da vida cultural e das artes. Assim, ao considerar o aparato legal passa-se a dar mais importância ao brincar para o ambiente escolar, pois ao brincar a criança se expõe, o que possibilita conhecê-la melhor a criança e fazer interferências diante de determinadas situações que se apresentam durante a brincadeira, pois, a mesma apoia-se tanto em subsídios psicopedagógicos como em dispositivos jurídicos.

O que define o brincar é a situação imaginária criada pela criança. Além disso, devemos levar em conta que brincar preenche necessidades que mudam de acordo com a sua idade, dando grande ênfase ao significado do brincar atrelado ao desenvolvimento da criança (VIGOTSKY 1984, apud KISHIMOTO 2005, p. 60).

O fragmento a cima especifica que, a criança ao interagir com o brincar, automaticamente adquire uma visão mais significativa em relação ao objeto visto por ela própria, exercitando assim sua imaginação e sua mente, despertando o interesse pela aprendizagem, tornando-a mais significativa.

Vejamos o que diz o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. (BRASIL, 1998 vol. 2 p. 22)

Percebe-se atualmente que as propostas pedagógicas para o desenvolvimento e aprendizagem da criança baseiam-se nos jogos e nas brincadeiras, porém o modo como são trabalhados e ou entendidos pelos professores nas escolas, não tem promovido um desenvolvimento eficaz por parte das crianças.

Assim as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. E também amadurecem algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais dentro e fora do ambiente escolar.

Nesse processo o professor no ato de brincar é imprescindível, e talvez ele não se dê conta dessa dimensão. O professor deve observar as brincadeiras, ficando atento a todos os gestos e palavras presentes nas mesmas para que realmente haja aprendizagem. Neste momento da observação o professor compreende seu aluno, a família deste aluno e outras relações são criadas no processo de ensino-aprendizagem.

Para Rau (2011, p. 38), “educar na perspectiva lúdica, é ir além da transmissão de informação ou de colocar à disposição do educando apenas um caminho, limitado a escolher ao seu próprio conhecimento”. Nesse sentido percebe-se que cabe ao educador conhecer a possibilidades de inserir a prática lúdica como recursos pedagógicos que propicia ao educando um aprendizado significativo.

Piaget e Vygotsky, (1984 apud Rau 2011, p.96) afirma que:

Entendem que é necessário refletir sobre o papel do professor ao utilizar o lúdico como recurso pedagógico, que lhe possibilita o conhecimento sobre a realidade lúdica dos seus alunos, bem como seus interesses e suas necessidades.

Deste modo, percebe-se que ao utilizar o jogo como recurso pedagógico na escola o professor tem que considerar a organização do espaço físico, a escolha dos objetos e dos brinquedos e o tempo que o mesmo irá ocupar em suas atividades diárias, tais aspectos são requisitos práticos e fundamentais para definir o trabalho com o lúdico como recurso pedagógico.

De acordo com Almeida (2012), o professor de educação infantil deve propor um trabalho pedagógico voltado ao brincar, visando a atender todas as necessidades dessa faixa etária, considerando que as brincadeiras propiciam a fantasia e a criatividade da criança, possibilitando assim que estas adquiram o domínio da linguagem simbólica.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil enfatiza que:

A intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de

sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc. (BRASIL, 1998, vol.2 p.30).

Portanto percebemos que para que isso realmente aconteça o professor deve conhecer, considerar e respeitar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização dentro e fora do ambiente escolar.

Assim o professor deve ser o mediador entre a criança e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagem que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais, e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que:

Tanto nas famílias, como na instituição, as explorações sexuais das crianças mobilizam valores, crenças e conteúdo dos adultos, num processo que nem sempre é fácil de ser vivido. Sobretudo se virem na curiosidade e exploração das crianças uma conotação de promiscuidade ou manifestação de algo “anormal”. A tendência é que, quanto mais tranquila for a experiência do adulto no plano de sua própria sexualidade, mais natural será sua reação às explorações espontâneas infantis (BRASIL, 1998 vol. 2 p. 17).

Hoje, a relação escola-família gera outros tipos de relações no que se refere a infância. Passa-se para a escola o sentido de educar e cuidar da criança de 0 a 6 anos o que faz com que educadores percebam e voltem a atenção à primeira infância, não abrindo mão da riqueza do universo infantil nesta fase, onde o brincar tem seu lugar de destaque para o futuro do aprendiz e para a formação da autonomia e criatividade.

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados (BRASIL, 1998 vol. 2 p. 17).

Portanto para que haja o desenvolvimento integral é necessário a elaboração de propostas educacionais que estejam vinculadas essencialmente a concepções sobre criança, educar, cuidar e aprendizagem, cujos fundamentos devem ser considerados de forma explícita.

No entanto as atitudes e procedimentos de cuidados são influenciadas por crenças e valores em torno da saúde, da educação e do desenvolvimento infantil. Embora as necessidades humanas básicas sejam comuns, como alimentar-se, proteger-se etc. as formas de identificá-las, valorizá-las e atendê-las são construídas socialmente. As necessidades básicas, podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural.

Para tanto cabe aos pais e aos professores construírem laços de afetividade no desenvolvimento da criança, onde sejam trabalhadas as emoções de forma prazerosa, pois o resultado desse trabalho pode resultar em aprendizagens significativas, seja na escola ou em casa.

Assim sendo é importante apresentar uma ressalva em relação a grande evolução que a educação infantil passou no período entre meados do século XIX até os tempos atuais, mas este caminho cheio de lutas, dificuldades e conquistas ainda não chegou ao fim, pois ainda há muito a ser feito para que realmente a educação infantil seja implantada para atender a toda demanda escolar. A busca pela valorização da área é constante e muitos pontos ainda devem ser discutidos por teóricos, profissionais, comunidade escolar e a família.

Percebe-se que ainda há muitas melhorias a serem feitas na educação infantil, para que esta seja, de fato, consolidada como um espaço de educação para a criança pequena. Em outras palavras, queremos dizer a todos que se preocupem com a educação das crianças de zero a cinco anos, se preocupem com desafio que temos de vencer, ou seja, o ideal seria que nos Centros de Educação Infantil não exista somente o cuidar voltado ao zelo, mas também voltado ao caráter educativo. Precisamos entender que as práticas da educação infantil devem estar organizadas enquanto ações de cuidar e de educar, mas de maneira integrada à criança pequena.

### 3- APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS DA PESQUISA

O presente capítulo analisa a fala do professor, relacionando com suas respectivas ações e estabelecendo um paralelo entre o que dizem os professores e alguns autores a respeito da importância da relação entre professor e aluno, pois tem-se como pressuposto que a relação professor aluno é algo complicado, mas essencial ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que considera-se que se não houver uma boa relação entre estes, não haverá aprendizagem, principalmente na educação infantil, que é o período de adaptação para as crianças na escola, é um espaço de socialização, e a relação com o professor ocorre na sala de aula como um espaço de convivência diária que se dá por meio das interações sociais e está pautada no diálogo e na amizade existente entre os sujeitos e acredita-se que somente num ambiente onde há interação, troca de sentimentos, afetos e uma consciência afetiva, a aprendizagem acontecerá de forma prazerosa e significativa.

#### 3.1 Comparando Teoria e Prática.

Os dados da pesquisa foram coletados em quatro turmas de educação infantil em uma escola da rede pública de ensino na cidade de Itupiranga-PA, com propósito de perceber a importância da relação professor aluno no processo de desenvolvimento das crianças nesta etapa de ensino

A coleta de dados foi realizada usando-se entrevistas não diretiva com que Chizzotti (2003, p. 92) especifica que “a entrevista não diretiva, ou abordagem clínica, é uma forma de colher informações baseada no discurso livre do entrevistado”. Vale destacar que as docentes foram selecionados previamente, fazem parte do quadro da escola há alguns anos, como mencionam na entrevista, e possuem uma larga experiência com esse etapa de ensino, uma vez que faz-se necessário compreender o desenvolvimento da criança, reconhecer as características dessa fase, etapa de ensino que ocorre na idade entre 0 e 5 anos e 9 meses, segundo a LBD 9.394/96, e denominadas por Piaget () como período sensório motor e pré-operatório explorando os aspectos mais relevantes para a aprendizagem, estimulando o potencial cognitivo: a psicomotricidade, a linguagem, a criatividade, a sociabilidade, próprios das fases.

Os dados coletados foram organizados em um quadro com os questionamentos do entrevistador e as respostas dos docentes participantes da pesquisa. Os mesmos foram analisados de forma articulada aos objetivos da pesquisa principalmente o último na ordem do projeto, que é identificar as contribuições da afetividade na relação professor/aluno para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças da Educação Infantil no cotidiano escolar. E como o próprio objetivo já destaca, tem-se o propósito de perceber a relevância da afetividade no desenvolvimento da criança na educação infantil, como destaca o autor no fragmento abaixo:

O termo afetividade corresponde às primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, sendo essas manifestações de tonalidades afetivas ainda em estágio primitivo, ou seja, de base orgânica e têm por fundamento os tónus. Ao se desenvolver, a afetividade passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social (WALLON, 1941/2007, p.103).

Sendo assim percebemos que este autor defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social.

A escola em que se realizou a pesquisa atende alunos da Educação Infantil, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e EJA, com turnos manhã, tarde e noite, e em 2013, atendeu, conforme matrícula final, 620 alunos, com faixa etária de 04 a 14 anos nas séries iniciais e na EJA entre 30 a 65 anos, distribuídos em três turnos, de 04h cada um, conforme legislação em vigor.

A escola em 2013 trabalhou com vista a alcançar o IDEB projetado para o referido ano, conforme apresenta o quadro abaixo:

#### EVOLUÇÃO IDEB: Anísio Pontes (EMEF)

	2007	2009	2011	2013	2015	2017
CRESCIMENTO		6% ↓	6% ↑			
IDEB	3.6	3.4	3.6			
META		3.8	4.2	4.5	4.8	5.0

De acordo com dados do portal do IDEB, a escola em 2011, não alcançou a meta projetada, apesar do crescimento de 6%, porém apresentou crescimento em relação a meta alcançada em 2009. O desafio é ampliar o crescimento do IDEB para ultrapassar a meta de 2011 e cumprir a meta de 2013, que é de 4.5.

Para isso a escola organizou ao longo do período 2010/2011 planos de intervenções, porém vale destacar que houve uma rotatividade de coordenadores pedagógicos, e também de docentes, mas foi desenvolvido pela escola projetos didáticos, estudos de formação continuada na escola, hora pedagógica, dentre outros, com objetivo de melhorar o processo de ensino aprendizagem e desenvolver a competência leitora e escritora dos discentes, uma vez que a avaliação não foi favorável, apesar do crescimento de 6%, como apresenta a tabela acima, e há uma meta muito maior a ser cumprida, e a escola aguarda resultado do IDEB para 2013, que ainda não foi divulgado.

A escola recebe financiamentos do governo federal como, PDE, PDDE, Programa Mais Educação dentre outros ofertados pela Prefeitura Municipal, aos quais são designados para comprar materiais de apoio pedagógico, definidos como matérias de custeio e de capital. Vale destacar que esses programas visam melhorar o processo pedagógico das escolas e subsidiar o trabalho docente nas unidades de ensino, garantir ao aluno um atendimento o mínimo de conforto e atenção e lhe seja favorável ao desempenho acadêmico.

### 3.1.2 Perfis das Professoras

A presente pesquisa contou com a colaboração de quatro professoras da rede municipal de ensino de Itupiranga/PA, que atuam na educação infantil, as quais tiveram seus nomes substituídos por letras a fim de preservar as respectivas identidades.

A primeira entrevistada foi denominada professora "A", tem 37 anos de idade, sendo que há 14 anos atua na educação infantil e afirma ser apaixonada por essa etapa da educação, a mesma é licenciada em pedagogia, atua nesta escola há três anos, participa dos cursos de formação continuada ofertados pela escola e pela SEMED, com intuito de buscar novos conhecimentos para propor aos seus alunos uma aprendizagem significativa.

A segunda entrevistada aqui apresentada como professora "B", com 33 anos de idade atua há 10 anos na área educacional, destes, 03 anos na educação infantil. Com formação em nível médio em magistério, está concluindo o nível superior em pedagogia, e segundo ela participa dos cursos de formação continuada ofertados pela SEMED no intuito de aprimorar seus conhecimentos e melhorar sua prática.

A terceira entrevistada identificada como professora "C", tem 35 anos de idade dos quais 13 atua na educação infantil, tem curso magistério e está concluindo Licenciatura em Pedagogia, destacou que sempre atualiza seus conhecimentos relacionados a sua prática diária como docente, por meio dos encontros de formação continuada ofertada pela SEMED, pela escola e outras formações que subsidie com conhecimentos teóricos e práticos e possa oferecer aos seus alunos uma educação de qualidade.

A quarta entrevistada chamada de professora "D" que atua nesta profissão há 12 anos, sempre trabalhou na referida escola. Assim como as demais tem muitas experiências neste nível de ensino, pois sempre atuou na educação infantil e diz ser apaixonada pela profissão. Tem curso magistério e está iniciando no ano de 2014 o curso de pedagogia pelo programa PARFOR<sup>1</sup> na UFPA.

### 3.1.3 Dados da pesquisa

Os dados abaixo foram organizados de acordo com as informações coletadas a partir das entrevistas feitas a quatro professoras na escola campo da pesquisa durante a entrevista na intenção de obter informações relevantes sobre a pesquisa realizada.

Os quadros apresentados abaixo organizam dados representativos das informações coletadas na escola quando da pesquisa de campo. Os referidos quadros contemplam duas colunas, a primeira com eixos articuladores, a segunda com os dados coletados. Os eixos articuladores foram extraídos dos objetivos da pesquisa, congregando assim, o núcleo do estudo.

<b>ENTREVISTA COM OS PROFESSORES</b>	
<b>EIXO ARTICULADOR</b>	<b>DADOS DAS ENTREVISTAS</b>

---

<sup>1</sup>Parfor, na modalidade presencial é um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior – IES.

<p align="center"><b>Concepções das Professoras acerca da afetividade</b></p>	<p>“[...]É a forma de experimentar fenômenos que envolvem emoções, paixões e sentimentos e assim possibilitando-nos a crescer como seres humanos”(Prof.<sup>a</sup> A).</p> <p>“[...]É um meio de estreitar relações entre pessoas independentes de sua classe social ”(Prof.<sup>a</sup> B).</p> <p>“[...]É o caminho principal para a relação professor-aluno, aluno-aluno, podendo despertar o interesse do educando para desenvolver suas habilidades dentro e fora da sala de aula”(Prof.<sup>a</sup> C).</p> <p>“[...]Afetividade é companheirismo, ajuda, atenção, compreensão, respeito é ser parceiro da criança quando ela mais precisa principalmente, quando é o ano escolar dela” (Prof.<sup>a</sup> D)</p>
<p align="center"><b>A importância da relação afetiva na educação infantil</b></p>	<p>“[...]Do ponto de vista pedagógico temos que ter esta capacidade individual que consiste em experimentar tal fenômeno (afetividade), criando laços de amizade e confiança entre o educando e o educador e também em boas atitudes cultivadas nesse relacionando” (Prof.<sup>a</sup> A).</p> <p>“[...]É de extrema importância, pois essa relação irá favorecer a aprendizagem do aluno, possibilitará uma melhor relação entre professor e aluno ganhando maior confiança e desenvolvendo o aluno plenamente ” (Prof.<sup>a</sup> B).</p> <p>“[...]Essa relação contribui muito para esse processo tanto ensino com a aprendizagem e é nesse momento que a criança precisa desse lado afetivo, pois esse completa os dois lados que é a afetividade e a aprendizagem” (Prof.<sup>a</sup> C).</p> <p>“[...]Tem papel fundamental no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida influenciando profundamente o crescimento cognitivo” (Prof.<sup>a</sup> D).</p>
<p align="center"><b>As contribuições da afetividade para o desenvolvimento infantil.</b></p>	<p>“[...]A Educação Infantil por ser uma das mais fases do desenvolvimento humano, precisa-se de um ambiente estimulante, educativo e seguro, como também potencializar o educador (ser humano) e criar laços de afetividade com seus educandos” (Prof.<sup>a</sup> A).</p> <p>“[...]Maior confiança entre professor e aluno, torna a relação entre ambos mais amistosa, ajuda principalmente na interação da turma como o nosso trabalho em sala de aula” (Prof.<sup>a</sup> B).</p> <p>“[...]Aproxima o educando do professor criando um vínculo capaz de fortalecer a confiança no próprio educando para desenvolver as atividades propostas pela professora em sala de aula”(Prof.<sup>a</sup> C).</p> <p>“[...]A criança interage melhor, a socialização acontece com mais intensidade, a criança sente -se mais segura, ela aprende com mais facilidade, tem mais facilidade para se expressar, expor seus pensamentos e até mesmo seus sentimentos” (Prof.<sup>a</sup> D).</p>
<p align="center"><b>Os métodos utilizados para desenvolver a aprendizagem.</b></p>	<p>“[...]Além da afetividade outro método importante para trabalhar na educação infantil é o lúdico, pois concerne a estimulação do desenvolvimento cognitivo e aprendizagem da criança” (Prof.<sup>a</sup> A).</p> <p>“[...]Deixa que o aluno construa suas próprias hipótese de aprendizagem, tendo o professor como mediador de conhecimento” (Prof.<sup>a</sup> B).</p> <p>“[...]Utilizar-se sempre de dinâmicas dirigidas respeitando a faixa etária de cada turma de Educação Infantil”(Prof.<sup>a</sup> C).</p> <p>“[...]Costumo usar vários métodos diferentes a cada dia pra não cair na rotina e selecionar os conteúdos adequados para cada faixa etária”(Prof.<sup>a</sup> D).</p>

### 3.2 Análise dos dados da pesquisa

As análises a seguir contemplam as falas das professoras entrevistadas sobre a importância das relações afetivas entre o professor e aluno, proporcionando uma reflexão sobre a importância do papel do educador na formação da criança.

Estabelecer uma relação de afetividade positiva entre professor e aluno é um aspecto importante que deve estar presente no contexto da sala de aula, uma vez que, como diz Wallon (1986, p. 130), as dimensões cognitivas e afetivas influenciam de forma inseparável toda e qualquer atividade humana, nessa perspectiva a afetividade é vista como um relação natural da criança para com o adulto, é necessário, portanto que a mesma seja considerada de suma importância para o processo de desenvolvimento acadêmico dos discentes, uma vez que uma relação afetuosa favorece a autoconfiança, a imaginação, criatividade e concentração, e desperta o interesse pelas atividades realizadas dentro e fora da sala de aula, proporcionando uma aprendizagem significativa na qual a criança seja capaz de refletir sobre suas opiniões e valores adquiridos no decorrer de sua vida.

#### 3.2.1 Concepção das professoras acerca da afetividade

As professoras apresentam em seus relatos que as relações afetivas entre o educador e aluno são de grande relevância para a formação emocional e social da criança na educação infantil. A professora C afirma que a afetividade “É o caminho principal para a relação professor-aluno, aluno-aluno, podendo despertar o interesse do educando para desenvolver suas habilidades dentro e fora da sala de aula”. Visualiza-se nos relatos, que todas têm consciência de que a afetividade é muito importante ao desempenho do aluno, e que uma educação voltada para a afetividade e a emoção proporcionará uma aprendizagem significativa e o professor cumprirá seu papel de mediador do conhecimento conforme descrito por e conforme destaca Antunes:

Dá-se o nome de afetividade a um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que. A afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga ao outro por amor, e essa ligação embute outro sentimento não menos complexo e profundo que é o medo da perda (ANTUNES, 2006, p. 6).

As raízes da afetividade estão ligadas à ação do cuidar e do receber cuidado, portanto não se pode pensar educação da afetividade se afastar desse sentimento. A escola e o educador que se preocupam exclusivamente aos mais novos os saberes acumulados pela humanidade, distanciando-se da vida cotidiana do aluno, acabam diminuindo as chances de interação saudável com o objeto de conhecimento e conseqüentemente desfavorecendo o pleno desenvolvimento do educando.

A professora “B”, afirma que a afetividade “É um meio de estreitar relações entre pessoas, independentemente de sua classe social”. Acredita-se que as relações estabelecidas no processo de ensino e aprendizagem, podem transformar o desenvolvimento do aluno, a afetividade é um instrumento motivador do processo de desempenho do aluno, e segundo Freire (1989, p. 170), “a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam, medo, sofrimento, interesse, alegria”.

Como afirma a Prof.<sup>a</sup> C, a afetividade “É o caminho principal para a relação professor-aluno, aluno-aluno, podendo despertar o interesse do educando para desenvolver suas habilidades dentro e fora da sala de aula”, assume-se nesta fala que a afetividade desempenha papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, dentro e fora da escola, no âmbito da educação infantil, a inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular deve ser constante, dá-se o tempo todo, na sala, no pátio ou nos passeios, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente.

Essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento, neste caso, o educador serve de mediador para a criança. Poderia dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas.

“Afetividade é companheirismo, ajuda, atenção, compreensão, respeito é ser parceiro da criança quando ela mais precisa principalmente, quando é o primeiro ano escolar dela”, como apresenta a Prof.<sup>a</sup> D, ou seja, a escola, por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem, faz-se necessário oferecer todas as condições físicas, sociais, e mentais, para que ela se sinta segura e protegida, e a afetividade, é um dos aspectos que tornará para

criança o ambiente agradável ou não. Portanto, não resta dúvida de que se torna imprescindível a presença de um educador que tenha consciência de sua importância não apenas como um mero reproduzidor da realidade vigente, mas sim como um agente transformador, com uma capacidade afetiva que conquiste seu educando e vale destacar ainda que a criança ao entrar na escola pela primeira vez, precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar uma nova experiência, e esta deverá ser agradável, pois mexe com as emoções, que seja um espaço para que haja um reforço da situação.

Considerando a fala das professoras entrevistadas, pode-se acrescentar que o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual da criança, pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, além de determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará. Na teoria de Piaget (1992) o desenvolvimento intelectual é considerado como dois componentes: um cognitivo e outro afetivo. Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. O afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. Piaget aponta que há aspectos do afeto que se desenvolvem:

São várias as dimensões, que o afeto apresenta, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, depressão) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas). Na sua visão, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência. E é responsável pela ativação da atividade intelectual. (PIAGET, 1992, p. 48)

Vale salientar que Piaget descreveu cuidadosamente o desenvolvimento afetivo e cognitivo do nascimento até a vida adulta, centrando-se na infância. Com suas capacidades afetivas e cognitivas expandidas através da contínua construção, as crianças tornam-se capazes de investir afeto e ter sentimentos validados nelas mesmas. E neste aspecto, a autoestima mantém uma estreita relação com a motivação ou interesse da criança para aprender. O afeto é o princípio norteador da autoestima. Após desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina como 'meio' para conseguir o autocontrole da criança e seu bem-estar são conquistas significativas.

Nessa perspectiva as professoras acreditam que a afetividade é um dos meios que a educação deve utilizar para propor uma aprendizagem significativa para as crianças de forma que elas sintam-se motivadas a aprender e se relacionar com o meio que está inserido.

### 3.2.2 A importância da relação afetiva na educação infantil

As relações entre professor e aluno com o objetivo de desenvolver uma aprendizagem significativa, ocorre a partir de uma série de fatores que influenciam em diversos aspectos do desenvolvimento humano, como a emoção e a razão, que de acordo com Wallon (1986) a emoção, tanto quanto a razão, são provocadoras das ações do professor, seja ela uma saída, seja uma forma diferente de solucionar os vários e diversos embates provocados por situações indutoras internas ou externas à sala de aula.

Parte-se do pressuposto de que educar na afetividade não é uma tarefa fácil e exige que o educador, reavalie e reflita criticamente a sua práxis, pois o educador que não sabe para que e por que educa, reproduz a educação tradicional, negando assim, uma educação baseada na totalidade do ser humano e valorizando as concepções reducionistas e parciais, nas quais o homem é um ser dividido entre a razão e a emoção.

Wallon (1986) aponta o papel das emoções na vida social e faz relações com a vida intelectual:

[...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual (WALLON 1986, p. 146).

Falar sobre a relação do professor com o aluno da educação infantil, é considerar que o docente precisa saber lidar com a criança considerando seus ganhos cognitivos, suas conquistas afetivas e suas necessidades motoras, e não há melhor exercício para seu desenvolvimento do que a prática e a reflexão sobre essa prática da sala de aula. Vale destacar que como profissional, o docente, possui uma identidade, uma formação, que se traduzem como resultado de suas interações com o meio, dos conflitos e das concordâncias sociais, cujos domínios funcionais da cognição, afetividade e motor estão sempre presentes.

Observando as respostas das docentes é difícil estabelecer uma diferença entre, concepções da afetividade na educação infantil e a importância da afetividade

na educação infantil, uma vez que os mesmos estão intrinsecamente interligados, pois não dá para separar a concepção a respeito de alguma coisa e ao mesmo tempo não considerar sua importância, e considerando as concepções das docentes entrevistadas e observadas, e relacionando com os argumentos que utilizam para justificar a relevância, se percebe que há uma proximidade de conceitos e argumentos e alguns bem redundantes, sobretudo, vale reafirmá-los e fazer algumas intervenções.

A Prof.<sup>a</sup> A (2014) referindo-se a importância da afetividade, relata que

Do ponto de vista pedagógico temos que ter esta capacidade individual que consiste em experimentar tal fenômeno (afetividade), criando laços de amizade e confiança entre o educando e o educador e também em boas atitudes cultivadas nesse relacionando.

Nesse sentido não se pode separar essa importância da concepção, quando a professora afirma que “É a forma de experimentar fenômenos que envolvem emoções, paixões e sentimentos e assim possibilitando-nos a crescer como seres humanos”, há uma fala muito próxima, em que se percebe que a docente valoriza, conforme indica seu discurso.

A afetividade entre docente e aluno, considera que o processo de aprendizagem pode ser beneficiado quando professor e aluno tem boa relação, na educação infantil, há uma responsabilidade muito maior por parte do docente nessa interação, uma vez que ele é o adulto do processo, e deve colaborar para que os alunos também desenvolvam-se sabendo relacionar-se com os demais, respeitando as diferenças desde o primeiro contato com a escola, uma vez que estão rodeados de pessoas, e deve portanto, com afirma nos relatos, do ponto de vista pedagógico, desenvolver em seus alunos a afetividade, e acrescenta-se a auto estima, a estabilidade, tranquilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos e de socializar-se, não apenas do ponto de vista pedagógico, mas do ponto de vista social, uma vez que a afetividade deve ser levada a sério e bem desenvolvida, e deve portanto ser incorporada ao currículo, e assim se estimule dentro do ambiente escolar de forma bem generalizada a afetividade nas relações interpessoais no âmbito escolar, trabalhando de maneira intensiva para gerar oportunidades de integrar o homem na sociedade.

Segundo Cunha (2012, p. 67): “[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto”, vale assim frisar que nas respostas dadas pelas demais professoras, percebe-se uma grande semelhança entre as falas, que

frisam esse pensamento, a Prof.<sup>a</sup> B, considera importante a afetividade e relata que "É de extrema importância, pois essa relação irá favorecer a aprendizagem do aluno, possibilitará uma melhor relação entre professor e aluno ganhando maior confiança e desenvolvendo o aluno plenamente", e essa afirmativa relaciona com a da professora "C", ao afirmar que "Essa relação contribui muito para esse processo tanto ensino com a aprendizagem e é nesse momento que a criança precisa desse lado afetivo, pois esse completa os dois lados que é a afetividade e a aprendizagem" e ainda segundo a professora "D" tem papel fundamental no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida influenciando profundamente o crescimento cognitivo".

Conforme as ideias de Wallon (2003), a escola infelizmente insiste em imobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento tão necessária para o desenvolvimento completo da pessoa.

Falar de afetividade na relação professor/aluno é falar de emoções, disciplina, postura do conflito do eu e do outro. Isto é uma constante na vida da criança, em todo o meio do qual faça parte, seja a família, a escola ou outro ambiente que ela frequente estas questões estão sempre presentes (WALLON,2003, p.67).

As afirmativas confirmam a necessidade e relevância que há do professor trabalhar primando pelo desenvolvimento da afetividade. Vale destacar que a maneira de ser, atuar e falar do professor é muito significativa, visto que afeta os sentimentos e atitudes dos alunos. Se houver um ambiente frio e triste não produzirá motivação para aprender. O professor precisa ser afetivo, e não se deve entender que o educador necessite se comportar como um aluno, ou que não exija respeito. Acredita-se que quando a criança nota que o (a) professor (a) gosta dela, e que apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, a aprendizagem torna-se mais facilitada.

Do mesmo modo vale salientar que ao contrário, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender, logo nos primeiros anos, já que estes sentimentos são consequentes da antipatia por parte dos alunos.

Na educação infantil também se recebe crianças com auto estima baixa, tristeza, dificuldades em aprender ou em se entrosar com os coleguinhas e é natural,

logo as rotulá-las de complicadas, sem limites ou sem educação e não nos colocamos diante delas a seu favor, não compactuamos e nem nos aliamos a elas, não as tocamos e muito menos conseguimos entender o verdadeiro motivo que as deixou assim.

### 3.2.3 As contribuições da afetividade para o desenvolvimento infantil.

Piaget (1992) em sua Teoria de Epistemologia Genética, o conhecimento é construído através da interação do sujeito como o meio. Sua teoria obedece a estágios hierárquicos que iniciam e decorrem do nascimento e se consolidam aos 16 anos. A teoria de Vygotsky revela que o conhecimento é construído através das interações do sujeito como o meio e com o outro, como desencadeador do desenvolvimento sócio cognitivo. Para ele a aprendizagem, é o primeiro processo de aprender que gera e promove as estruturas mentais enquanto para Piaget, a estrutura do organismo precede o desenvolvimento.

Vale destacar que tanto na teoria piagetiana onde o desenvolvimento cognitivo é uma teoria de etapas, como na teoria sócio- interacionista, onde o desenvolvimento cognitivo passa por processos e fenômenos psíquicos, o importante é reconhecer que tanto a escola como a família devem promover a descoberta e construção do conhecimento, estimulando a capacidade de análise crítica, a criatividade na solução de problemas e estimular a autonomia e o gosto pelo saber.

O desenvolvimento da criança para ser pleno necessita de acompanhar os aspectos afetivos, sociais e psicomotores, pois com isso é possível transformar a visão de mundo infantil em divertidas descobertas criando vínculos entre família, escola e sociedade, e ao analisar-se a fala das quatro professoras, atribui-se um importante papel nas propostas pedagógicas envolvendo a afetividade. A Prof.<sup>a</sup> A, afirma que

A Educação Infantil por ser uma das mais difíceis fases do desenvolvimento humano, precisa-se de um ambiente estimulante, educativo e seguro, como também potencializar o educador (ser humano) e criar laços de afetividade com seus educandos (Prof.<sup>a</sup> A, 2014)

A fala da professora reforça que a fase de vida da criança nessa etapa de ensino da educação básica, é uma fase muito difícil, uma vez que o ser humano está em formação, em desenvolvimento físico, psíquico, motor e cognitivo, e necessita de uma atenção especial.

Na Educação Infantil a criança está imersa num ambiente estimulador o que lhe permite muitas descobertas a sua volta. É nesta fase que a criança intensifica seu processo de socialização, haja vista que além da família a escola passa a se ocupar espaço em sua rotina.

Na fase da Educação Infantil vê-se a importância da participação das crianças nos trabalhos em grupo, nos jogos e brincadeiras com regras. Nestas atividades as crianças exercitam a defesa de seus pontos de vista, seus direitos oportunizando o exercício da autonomia. Ao brincar a criança se relaciona com o mundo, constrói dentro de um mundo imaginário seus conceitos de um mundo real.

A Professora "B", relata em sua fala que no que se refere as contribuições da afetividade para o desenvolvimento da criança, quanto "Maior confiança entre professor e aluno, torna a relação entre ambos mais amistosa, ajuda principalmente na interação da turma como o nosso trabalho em sala de aula" Prof.<sup>a</sup> B. E a fala da professora é pertinente, pois neste período, ocorre a adaptação escolar, que é um período muito delicado que as crianças enfrentam e varia de criança para criança.

Os pais podem auxiliar muito a criança neste processo. Eles precisam confiar e ter claro que querem deixar a criança na Escola. Para que a criança sinta-se segura também. É importante que nos primeiros dias fique pouco tempo, desse modo ela saberá que por algum tempo ficará sozinha, mas que a família virá buscá-la.

O ambiente da Educação Infantil deve ser de muita confiança por natureza. Em sua gênese, a integração e a socialização entre as crianças possibilitam que haja um diálogo contínuo entre os pares em todas as etapas da rotina escolar. Cantigas, brincadeiras, questionamentos, experimentos e busca de respostas através da brincadeira e da ludicidade tornam o educador infantil um ser que dialoga.

O professor da educação infantil dialoga constantemente com seus estudantes e com suas práticas diárias. E é neste diálogo que estabelece a confiança para com seus alunos, cria um ambiente amistoso e desenvolve um trabalho equivalente ao que se propõe enquanto escola que incentiva as crianças a levantarem hipóteses, são estimuladas a questionar e a pesquisar para buscar respostas e sem dúvida a construírem sua aprendizagem.

A afetividade também "Aproxima o educando do professor criando um vínculo capaz de fortalecer a confiança no próprio educando para desenvolver as atividades propostas pela professora em sala de aula", esta é a fala da Professora "C", que acredita que esta seja importante para fortalecer o vínculo de confiança da criança na

Educação Infantil. Essa fase representa um momento carregado de emoção, não é apenas o início do aprendizado cognoscitivo, pois as crianças identificam-se com seus educadores, absorvendo seus papéis e atitudes. Assim sendo, o falar, o agir, o ser do educador da educação infantil influencia o processo de torna-se membro da sociedade, das crianças que são sua responsabilidade, é uma etapa que envolve além do pintar, cantar e brincar dentre outras coisas, pois também se adquirem crenças e valores.

Na fala da professora "D", a afetividade no processo de desenvolvimento, é importante porque "a criança interage melhor, a socialização acontece com mais intensidade, a criança sente-se mais segura, ela aprende com mais facilidade, tem mais facilidade para se expressar, expor seus pensamentos e até mesmo seus sentimentos"

Saltini (2008, p. 69), acredita que:

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação de um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço de sua própria vida.

A professora ao citar o termo socialização, no qual tem uma relação com a fala de Saltini, ao ponderar que o educador é aquele que acredita no aluno, estabelece uma relação de diálogo, mobiliza a energia interna, são elementos fundamentais no processo de socialização da pessoa, pois a socialização cria qualidades que tornam o homem, um ser pleno. E conforme apresenta o RCNEI a respeito da socialização:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima as pessoas e é capaz de interagir e prender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais e interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas de sociais com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são deverá. Para se desenvolver, portanto as crianças precisam aprender com os outros, por meio de vínculos que estabelece. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. (BRASIL, 1998, p.21, v 1).

A educação infantil tem papel social importante no desenvolvimento humano e social. As crianças são seres sociais, tem uma história, pertencem a uma classe social, estabelecem relações segundo seu contexto de origem têm uma linguagem,

ocupam espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com a sua própria inserção nesse contexto.

#### 3.2.4 Os métodos utilizados para desenvolver a aprendizagem

A partir dos relatos das entrevistas realizadas, percebeu-se que as docentes não possuem domínio teórico, em relação ao que seja o método em sua essência, mas fazem uso de técnicas e metodologias diferenciadas que buscam melhoria do processo de ensino e aprendizagem, valorizando o conhecimento prévio e o contexto social da criança, o ambiente em que a criança vive e a partir disso, ela passa a construir significados. E não se fazem uso de forma isolada das metodologias que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem dos alunos atendidos na educação infantil, etapa de ensino aqui discutido.

A Professora "A" destaca que "além da afetividade outro método importante para trabalhar na educação infantil é o lúdico, pois concerne a estimulação do desenvolvimento cognitivo e aprendizagem da criança". A professora define afetividade como método, mas acredita-se que não seja exatamente um método, mas apenas uma característica obrigatória à professora que trabalha com essa etapa de ensino, e que o desenvolvimento afetivo caminha junto com o intelectual; pensar e sentir são ações indissociáveis.

Sobretudo pode se afirmar que o lúdico como atividade educativa, é relevante no processo de desenvolvimento do aluno, e na Educação Infantil, que é o período em que as crianças compartilham um conjunto de situações regulares em sua forma e frequência, que envolvem ações estruturantes para o bem-estar das crianças na escola e para a progressiva construção de valores significativos na interação social, como a autonomia e a cooperação, deve-se propor um espaço para brincar e conviver com os outros, uma vez que a Educação Infantil deve garantir ao aluno a interação com os diversos aspectos da cultura como eixo estruturante da aprendizagem nesse segmento escolar. Mas diante da fala da professora, vale apresentar um texto de Vygotsky, relacionado ao método, que diz:

A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Neste caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo (Vygotsky, 1998: 86).

Outra fala apresentada durante as entrevistas, no que se refere aos métodos utilizados para desenvolver a aprendizagem, diz que em sua prática diária, "deixa que o aluno construa suas próprias hipóteses de aprendizagem, tendo o professor como mediador de conhecimento" (Prof.<sup>a</sup> B). Com a fala da professora, convém apresentar que Vygotsky trata do professor como mediador do conhecimento e relata sobre que "é de fundamental responsabilidade dos educadores no ambiente escolar: o desenvolvimento dos alunos através da aprendizagem que vai se dar pela mediação".

O professor deve intervir observando e investigando os conhecimentos que os alunos trazem à escola, para reorganizar tal conhecimento, os elevando a outro nível. É importante aqui trazer o conceito de ZPD (zona proximal de desenvolvimento), pois foi criado por Vygotsky (1998: 109-119) "como a própria metodologia de trabalho da mediação. Trata-se do espaço de trabalho no qual uma pessoa atua para ampliar os conhecimentos do aprendiz". Portanto faz-se necessário reconhecer o que o outro pode realizar sem ajuda (ZDR – zona de desenvolvimento real) e o que não pode. O objetivo, é que a realização de algo feito na ZPD possa, em breve, ser feito na ZDR, buscando a autonomia de atuação dos sujeitos envolvidos. Assim a ZPD é considerada um instrumento e resultado, pois leva ao desenvolvimento, nela o conhecimento é co-construído, pois a fala de um é estratégia para construção/crescimento do outro.

A este respeito Magalhães (1996, p. 3-4) afirma:

Em uma abordagem sócio histórica/cultural, a aprendizagem de qualquer conhecimento novo parte do outro, de padrões interacionais interpessoais. Assim, a aprendizagem é entendida, independentemente da idade, como social e contextualmente situada, como um processo de reconstrução interna de atividades externas, em que a relação social tem o papel primário em determinar o funcionamento intrapsicológico ou instrumental (...)  
 (...) A instrução efetiva, isto é, a que resulta em aprendizagem, pressupõe que o professor tenha avaliado os dois níveis de desenvolvimento de seus alunos, isto é, as atividades em que agem independentemente e as em que necessita da participação do outro para agir e que é onde deve situar a instrução.

Vale destacar ainda que o conceito cotidiano de ZPD é aquele que construímos em nossa relação com os outros, mas não de forma hierarquizada. Já o conceito científico deve ser coerente com uma cadeia de outros conceitos dentro de um paradigma. Assim, ao partir-se de um conceito espontâneo para um científico no trabalho com a ZPD, estamos mediando uma reorganização, evitando o conceito no vácuo, que pressupõe não valorizar a generalização, o contexto linguístico e a

memória lógica. O conceito no vácuo não promove aprendizagem, pois não trabalha com o que é significativo. Vygotsky é considerado um metodólogo, pois ao conceituar aprendizagem e consciência, já discute como o processo se dá e aponta caminhos para a realização de uma educação a serviço de valores sociais.

A professora "C" afirma "Utilizar-se sempre de dinâmicas dirigidas respeitando a faixa etária de cada turma de Educação Infantil". A dinamicidade do processo de ensino aprendizagem em todas as fases e níveis do desenvolvimento são de suma relevância, mas é preciso uma ressalva. Faz-se necessário que de fato o professor saiba utilizar adequadamente diferentes dinâmicas, para otimizar o tempo. As dinâmicas são essenciais, sobretudo devem garantir que os objetivos de ensino sejam alcançados.

A última entrevistada, Professora "D" ao ser questionada sobre que métodos utilizava para desenvolver a aprendizagem, respondeu que "Costuma usar vários métodos diferentes a cada dia pra não cair na rotina e selecionar os conteúdos adequados para cada faixa etária". É interessante fazer uso de diferentes métodos para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, e como mencionado anteriormente, faz-se necessário que haja conhecimentos teóricos sobre do método utilizado, e para aplicá-lo na prática. Em se tratando de turmas de Educação Infantil, deve-se ter bem claro que os alunos nessa etapa de escolaridade, quase todas as propostas usadas são novidades, deve-se ter o cuidado de não tentar inovar constantemente e tirar o foco do desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Na educação infantil é muito comum nas atividades diárias o uso dos jogos e brincadeiras, pois são ricos em recursos que auxiliam o aluno em seu desenvolvimento. Vale destacar que a brincadeira é um recurso imprescindível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, e insubstituível, desde a primeira fase, para a aquisição de habilidades e hábitos sociais.

A criança cria uma situação imaginária no brinquedo. Desta forma, o brinquedo proporciona a criação por parte da criança, e também é fruto da sua imaginação. Uma das características principais do brinquedo é a motivação que ele proporciona para a criação do mundo imaginário vital para o desenvolvimento global do ser humano. É a partir do brinquedo que a criança aprende a agir.

É de grande relevância destacar que é indispensável o uso de propostas metodológicas que garantam a aprendizagem com qualidade, e devem ser

selecionadas considerando o nível de ensino do aluno e seu nível de desenvolvimento leitor e escritor, para que seja garantido uma aprendizagem significativa.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa buscou compreender a importância da afetividade na relação professor aluno, na Educação Infantil ao partir do pressuposto de que a mesma está presente nas experiências vividas pelas pessoas. O estudo inicia fazendo um breve estudo sobre as mudanças ocorridas historicamente em relação à infância.

É de grande relevância destacar que por muito tempo a criança foi considerada um adulto em miniatura, e que para se chegar ao conceito que há atualmente, foi percorrido um longo caminho. E vale destacar que esse processo de construção se deu não apenas com o conceito, e visão de criança, mas também ocorreu com a Educação infantil, que sofreu modificações e há atualmente um processo de adaptação do mesmo pelos educadores.

Verificou-se que com a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998), houve um grande progresso, um novo olhar em relação à criança,

com a finalidade de rever a prática do educador, a qualificação, ressaltando o objetivo, a cognição, o acolhimento, a inclusão, o perfil do educador, a postura diante à diversidade, entre outros, articulando a afetividade à inteligência para produzir conhecimento, compreendendo a criança em sua totalidade. Assim é extremamente importante defender o direito da criança à sua infância.

As crianças são seres totalmente ativos, tornam-se cada vez mais competentes e preparadas para conviverem socialmente, se tiverem oportunidades para tal. Elas participam da transformação que ocorre no contexto histórico em que se insere e pelas experiências que vivem neste universo extremamente dinâmico.

Logo estamos diante de um grande desafio, pois, a criança tem uma lógica que é inteiramente sua, ela encontra formas peculiares de se expressar, porque é capaz, através da relação afetiva com o brinquedo, do sonho e da fantasia de viver em um mundo unicamente dela, construído por ela, possui sua própria identidade, são únicas, diferindo-se totalmente umas das outras, o que nos convida à reflexão para uma nova conduta que implica o respeito às diversidades e a igualdade. Razão pela qual a educação infantil e os educadores precisam se qualificar a cada dia, incluindo o acolhimento, a segurança, o lugar para o lúdico, a emoção, o faz-de-conta e a sensibilidade, sem deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço, do corpo e da expressividade.

A criança simboliza em sua plenitude e ingenuidade, a esperança e a certeza de que nasce uma espera e consolida-se um tempo, crer no poder da educação é transformar, é acreditar que educamos o ser para si e para seu meio, capacitando-o para assumir a vida e buscar a verdade, receber e doar amor.

Cumprir esta responsabilidade social de partilhar com as crianças a estimulante descoberta do mundo é tarefa enorme que nos compromete e nos convida a uma postura e uma opção de abraçar esta causa.

No que se refere as entrevistas realizada com 04 (quatro) docentes de uma determinada escola do município de Itupiranga, usou-se quatro eixos de questionamentos para responder a questão norteadora desta pesquisa que é compreender a importância da relação professor/alunos para o desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil, uma vez que parte-se do pressuposto que a relação professor aluno seja um grande norteador do processo de ensino e aprendizagem, logo deve ser valorizado pelo docente e seja um aspecto de constante aprimoramento dentro do espaço escolar.

O primeiro eixo de questionamento foi sobre a concepção das professoras acerca da afetividade, e, as respostas obtidas demonstram que ainda há um discurso teórico, sem muitos argumentos, em que se fala de forma mecânica sobre a afetividade, que é essencial à criança, é a base do desenvolvimento cognitivo, motor, psicológico, e deve ser valorizado de forma diferenciada na Educação Infantil, uma vez que trata-se de uma fase em que o aluno encontra-se em desenvolvimento do físico e psíquico, e as ações do docente irão influenciar na formação do caráter aluno, em sua forma de pensamento. As professoras apresentam uma fala comum dentro do contexto escolar, usam uma fala objetiva e sem grandes observações ou proposições sobre o assunto, e a consideram de suma relevância ao processo de construção de conhecimento e sem dúvida importante e indispensável na relação estabelecida entre professor e aluno.

As professoras relataram sobre as contribuições da afetividade para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, discutindo-a como um elemento facilitador e motivador desse processo. Na qual a escola é um ambiente repleto de interações sociais, fundamentada principalmente na relação entre professor e aluno.

Nas entrevistas realizadas, relatou-se que a afetividade é uma capacidade individual de extrema importância na relação professor/aluno, pois esta cria um laço de confiança e facilita o processo de ensino e de aprendizagem, contribuindo assim para o que o aluno se desenvolva plenamente nos vários aspectos do desenvolvimento humano.

No processo de construção da pesquisa a preocupação quanto à questão da afetividade não fundamentou-se em discutir os aspectos afetivos como determinantes no processo de aprendizagem, mas como um fator facilitador em como trabalhar com

a influência mútua, buscando contribuições para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis e marcantes.

Ao se questionar sobre os métodos utilizados para desenvolver a aprendizagem, verificou-se que as docentes não têm segurança ao falar de método, e todas declararam que usam métodos variados, sobretudo em suas respectivas falas apresentaram características de propostas metodológicas que são usadas com os alunos. Não há um respaldo teórico quanto as colocações, nem faz-se uma explicação coerente relacionada ao questionamento.

Em síntese, a pesquisa conseguiu responder aos questionamentos, e serviu para verificar que ainda há muito para se fazer pela educação infantil, os docentes entrevistados e com o histórico de trabalhar há algum tempo com educação infantil, ainda desconhecem questões teóricas norteadoras do processo de ensino e aprendizagem, não tem argumentos consistentes de suas respectivas práticas. No aspecto teórico, há muitas matérias sobre a afetividade, que embasam e respalda a importância da afetividade na relação professor aluno na educação infantil, mas ainda se percebe profissionais com discursos comuns.

Dessa forma, considera-se que seja necessário que haja maior empenho dos docentes para com suas respectivas atividades, e há a possibilidade de se desenvolver a cada dia uma educação melhor, mas há uma série de fatores que precisam ser ajustados, um destes é o processo de aprimoramento do docente quanto ao conhecimento teórico de questões imprescindíveis à prática diária.

E ratifica-se mais uma vez, que o afeto é, portanto essencial à criança é a base do seu desenvolvimento processual, segundo o qual o conhecimento só produz mudança na medida em que também é conhecimento afetivo.

## Referencias:

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem do afeto**. São Paulo: Terra, 2006

ANDRADE, Lucimary Barnabé Pedrosa de. **Educação Infantil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ARANTE, Valeria Amorim. **Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981

BUJES, Maria. Isabel. Edelweiss, **Escola infantil: pra que te quero?** In: CRAIDY, C. M., Educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 1.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 2.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 3.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 1 ed. São Paulo: Gente, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. "A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios Revista Portuguesa de Educação, ano/vol. 16, número 002 Universidade do Minho." *Revista Portuguesa de Educação* 16.2 (2003): 221-236.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na pratica pedagógica**. 3. ed Rio de Janeiro: Wak, 2012.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FULLGRAF, J. B. G. **A infância de papel e o papel da infância**. Florianópolis, 2001,141 f. Dissertações (mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

INFANCIA, Plano Nacional Pela Primeira. **Proposta Elaborada pela Rede Nacional da Primeira Infância**. Brasília: 2010.

KRAMER, Sonia. **A política da pré-escola no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

KRAMER, Sonia & JOBIM E SOUZA, Solange. **Educação ou tutela: a criança de 0 a 6 anos.** São Paulo: Loyola, 1988

KUHLMANN JUNIOR, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MAGALHÃES, M. C. **Contribuições da Pesquisa Sócio Histórica para a Compreensão dos Contextos Interacionais da Sala de Aula de Línguas: foco na formação de professores.** The Specialist. V. 17, nº. 1, p. 01-18. São Paulo, 1996.

PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. **Teorias psicogênicas em discussão.** Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloisa Dantas. 14. ed. São Paulo: Summus, 1992.

Portal do IDEB. Disponível em: < <http://www.portalideb.com.br/escola/21009-emef-ulisses-guimaraesurbana/ideb?etapa=5&rede=municipal>>. Acesso em 15 abril 2014.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na Educação: Uma atitude pedagógica.** Curitiba: Ibpex, 2011.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência.** 5. ed.- Rio de Janeiro: Wak,2008.

SOARES, N. F. **Direitos da criança: utopia ou realidade.** In: PINTO, M., SARMENTO, M. J. As crianças: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. 1997.

OLIVEIRA, Z. de M. R. **A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória.** Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, v.14, n.1, p.43-52, jan -jun. 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984

\_\_\_\_\_, **A Formação Social da Mente.** 6ª edição. Trad. José Cipolla Neto, Luís S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998

\_\_\_\_\_, **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2004

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1986.

\_\_\_\_\_. **A Origem do Caráter na Criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ciclo de aprendizagem.** Revista Escola. Edição 160. Fundação Paulo Freire, 2003.